

Há aventureiros e aventureiros

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

Num livro que marcou muito a minha mocidade, *O Lobo da Estepe*, de Herman Hesse, o protagonista Hary Heller, uma espécie de pseudônimo do autor em minha opinião, falava dos verdadeiros suicidas, e que esses jamais atentariam contra a própria vida, pois tal ato retrataria uma fraqueza e baixeza. O verdadeiro suicida se deixa morrer em vida, sem queixumes ou auto-piedade. Simplesmente tomam essa escolha.

Pensei então em distinguir os aventureiros dos verdadeiros aventureiros, usando como título desse artigo a afirmação dessa distinção, ao modo com fez o rabino Nilton Bonder em seu livro *Alma Imoral*, aliás melhor livro que li nos últimos 10 anos, quando afirma: *“há fidelidades e fidelidades. Há infidelidades e infidelidades”*. Tudo isso para afirmar que *“há traições pela fidelidade muito mais violentas do que as traições pela transgressão”*.

O verdadeiro aventureiro, literalmente, vive as aventuras e não das aventuras, é sujeito da aventura, não objeto dela. O verdadeiro aventureiro é consciente de sua incerteza ou da sua situação de risco, enquanto o falso encarna a própria precariedade e nega o quanto se tornou pessoinha difícil. Aquele que vive as aventuras da vida brinda essa vida ao passo que aquele que vive delas se desolidariza da história e se torna antiético. O verdadeiro aventureiro ama a aventura e se aventura em ato de amor. O aventureiro no seu sentido menor se aventura porque odeia o senso de compromisso e teme sua verdadeira dimensão, ignora o respeito ao próximo e foge dos limites da civilização. Torna-se um bárbaro de faz de conta ou na melhor das hipóteses um perverso assumido, versão melhor que os aventureiros perversos de olhos aguçados, que circulam as soltas nas boas casas do ramo e que se passam por bons moços ou boas moças.

O verdadeiro aventureiro não teme quando os meios de vida lhe faltam em meio a aventura, enquanto os falsos se borram todos pela falta deles, e, enquanto os primeiros muitas vezes se valem de um expediente ou de uma jogada de sorte os segundos são mestres em viver deles, mesmo que tenham que mentir para si mesmos atribuindo o nome de sorte a toda sorte de atos inescrupulosos, comportando-se como os anões do orçamento que

transformam o que roubam dos outros como ganhos legítimos da sorte.

Ou seja, um verdadeiro aventureiro jamais viveria como aventura o drama humano, pois seria um ato de fraqueza e baixeza, um atentado contra a própria aventura.

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).